



Papa, Watch me Fly: a jornada de Yentl e de Barbra Streisand

Papa, Watch me Fly: the Journey of Yentl and Barbra Streisand

Heloiza Montenegro Barbosa*

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) | Recife, Brasil
hmontenegro91@gmail.com

Karine da Rocha Oliveira**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) | Recife, Brasil
karine.oliveira@ufpe.br

Resumo: Este artigo analisa o filme *Yentl*, de 1983 – protagonizado e dirigido por Barbra Streisand – inspirado no conto de mesmo nome de Isaac Bashevis Singer, enquanto quebra de paradigma, ao colocar uma mulher em posição de poder e de dona de seu próprio destino num ambiente religioso onde a posição da mulher é restrita, conectando com o trabalho da própria Barbra Streisand, enquanto protagonista e diretora do filme, além de observar como o papel de Streisand enquanto diretora abriu espaço para outras que vieram posteriormente, deixando – ainda mais – seu nome marcado na história do cinema.

Palavras-chave: Barbra Streisand. Yentl. Cinema Judaico.

Abstract: This article seeks to analyze the 1983's film *Yentl* – starring and directed by Barbra Streisand – inspired by the tale of the same name by Isaac Bashevis Singer, while breaking the paradigm, by placing a woman in a position of power and owner of her own destiny in a religious environment where the position of women is restricted, connecting with the work of Barbra Streisand herself, as the protagonist and director of the film, in addition to seeing how Streisand's role as a director made room for others that came later, leaving – even more so – her name in the history of cinema.

Keywords: Barbra Streisand. Yentl. Jewish Cinema.

Em 1983, Barbra Streisand já havia vencido dois Oscars: melhor atriz, como Fanny Brice, no clássico musical – e seu primeiro filme – *Funny Girl*, em 1968¹ e melhor música, em 1976, com *A Star is Born*. Barbra já tinha seu nome reconhecido enquanto

* Doutoranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco.

** Professora na Universidade Federal de Pernambuco e Doutora em Teoria da Literatura pela mesma instituição.

¹ Prêmio que foi dividido com Katherine Hepburn Disponível em: https://www.imdb.com/name/nm0000659/awards?ref_=nm_awd. Acesso em: 19 setembro de 2020.



atriz e cantora. Mas foi em 1983 que ela decidiu dar mais um passo – ou vários ao mesmo tempo: dirigir, atuar, cantar e coproduzir *Yentl* – “the first woman in the history of motion pictures to produce, direct, write and perform a film's title role,” boasts MGM/UA, which financed and is releasing the movie.”²

A escolha do roteiro não podia fazer mais sentido: uma adaptação do conto *Yentl the Yeshiva Boy*, que acompanha a jovem que dá nome ao conto, e sua transformação em homem, decidida a ter chance de estudar em um *yeshiva*, espaço exclusivamente masculino. Numa reviravolta, *Yentl* – ou Anshel – se apaixona por Avigdor, seu parceiro de estudos e, desse modo, se vê no centro de um triângulo amoroso entre Avigdor e sua ex-noiva, Hadass.

Em diversos sentidos, *Yentl* é um filme grandioso, icônico. A união de atores simpáticos, personagens carismáticos, uma trama que tem, ao mesmo tempo, humor e drama, balanceados pela trilha sonora cantada por Barbra – e apenas por ela. Seus múltiplos papéis dentro do filme – como personagem, como diretora, como cantora – se relacionam intrinsecamente com o que acontece na tela.

Em entrevista à revista *Playgirl*, em fevereiro de 1984, Streisand fala do processo de criação de *Yentl* – do momento em que leu a história pela primeira vez, em 1968, ao ser presenteada com o livro de Isaac Bashevis Singer, pelo produtor Valentine Sher-ry³ e sentiu que esse era o projeto certo (que só foi acontecer muitos anos depois): seu agente considerou que “ela não deveria fazer outro papel étnico logo após interpretar Fanny Brice”.⁴ Ela teve que passar anos até que seu desejo fosse atendido, de maneira completa. De algum modo, sua carreira e *Yentl* se encontraram no momento certo e abriram espaço para as diretoras que vieram depois. *Yentl* “epitomised 'post-70s feminism', in terms of its content and its female director's increasingly powerful position in Hollywood, and also seemed to anticipate the 'queer 90s'”⁵ – sendo assim, um filme *avant-garde* e extremamente importante em sua própria maneira.

Durante os anos 1920, Anthony Slider – em seu documentário *Reel Models: The First Women of Film* (2000) – afirma que

um livro de 1920 intitulado *Careers for Women*. Na edição original do livro, ele observa que “Direção de Cinema” foi incluída como uma

² Disponível em: http://barbra-archives.com/bjs_library/80s/playgirl84.html. Acesso em: 24 set. 2020.

³ Disponível em: http://barbra-archives.com/bjs_library/80s/playgirl84.html. Acesso em: 24 set. 2020.

⁴ EDWARDS, 2016, p. 331.

⁵ AARON, 2012, p. 39.



possível escolha de carreira para as mulheres. Quando o livro foi reimpresso em 1933, o capítulo havia desaparecido.⁶

Essa exclusão da mulher na posição de diretora de cinema – uma posição de poder, um poder atrás das câmeras, o controle da obra sob todas as perspectivas, fica clara se pensarmos em quantas diretoras conhecemos, conseguimos citar de cabeça, em nossa memória: o número entre homens e mulheres nesse papel é muito díspar. Outra maneira de comprovar esse pensamento é se pensarmos em algumas das mais famosas premiações do cinema Hollywoodiano: O Oscar e o Globo de Ouro. Em 92 anos de Oscar, apenas cinco mulheres concorreram ao prêmio de Melhor Direção,⁷ com apenas uma vencedora – Kathryn Bigelow. No Globo de Ouro, que premia diretores desde 1943, o caso não é diferente, com menos de dez concorrentes e apenas uma vencedora: Barbra Streisand, por *Yentl*.⁸ De acordo com a última *Celluloid Ceiling* – um gráfico anual que apresenta a posição de mulheres na indústria de cinema, enquanto editoras, produtoras, roteiristas, diretoras:

Women comprised 20% of all directors, writers, producers, executive producers, editors, and cinematographers working on the top 100 grossing films in 2019, up from 16% in 2018. Women working in these roles on the top 250 grossing films experienced a slight increase from 20% in 2018 to 21% in 2019. The percentage of women working on the top 500 films remained steady at 23%.

E no meio desses dados, pode-se perceber a conexão ainda mais forte – e a quase necessidade – da participação tão intensa de Barbra Streisand na realização de *Yentl*. Um encontro de um papel com uma atriz/diretora/produtora que levou a *diva* para outros ares, outros espaços, outros papéis, representando uma nova geração.

Parte 1

Em *Jewhooning the Sixties: American Celebrity and Jewish Identity*, David E. Kaufman seleciona quatro icônicas celebridades judias, que representavam um certo ideal judaico na década de 1960: entre Bob Dylan, Lenny Bruce e Sandy Koufax – temos Barbra Streisand. Kaufman afirma que

Her most ardent fans—Jewish women and gay men—saw her as the embodiment of the ugly duckling made good, the outsider who conquered the heights of Hollywood stardom and musical superstardom through sheer talent and drive. At the same time, they responded to the dualism of her aesthetic: both shlemiel and diva, self-consciously

⁶ SLIDER citado por LAUZEN, 2012, p. 310.

⁷ Disponível em: <https://time.com/5763937/oscars-2020-female-directors-shut-out/>. Acesso em: 24 set. 2020.

⁸ Disponível em: <https://deadline.com/2019/12/golden-globes-female-directors-snob-alma-harel-1202804721/>. Acesso em: 24 out. 2020.



unattractive and glamorously chic, Brooklyn Jewish-whiny and the most beautiful voice in the world—moving from one extreme to the other at will.⁹

Essa dualidade apresentada – que faz com que ela se conecte ainda mais com os fãs – molda boa parte de sua carreira: a constante narrativa da jovem peculiar, que não é a mais bela, mas tem algum talento perdido no meio. Essa repetição de personagem é essencial para compreender a carreira de Streisand como atriz e os personagens que ela escolhe ou que foram, de algum modo, selecionados para ela.

A segunda filha de Ida Rose e Emanuel Streisand – que faleceu quando a atriz ainda era criança, Barbara (a grafia original de seu nome) não teve a infância mais feliz que se poderia ter. Sua mãe havia abandonado o desejo de cantar para se casar – mas fez com que a filha não passasse pela mesma experiência. Aos 16 anos, mudou-se para Manhattan, em busca do seu sonho de se tornar cantora.¹⁰ Foi em Manhattan com Barbara se tornou Barbra – “There were millions of Barbaras out there, she reasoned. But by dropping one little vowel, she would become “the only Barbra in the world.”¹¹

Em 1963, ela lança seus dois primeiros álbuns *The Barbra Streisand Album* e *The Second Barbra Streisand Album* e, um ano depois, ela apresenta-se como *Fanny Brice* na Broadway pela primeira vez. Sua carreira se consolida na década de 1960 e, antes mesmo de seu primeiro filme, Barbra – a jovem do Brooklyn – já acumulava 11 álbuns lançados, três Grammy, especiais na tv, um show em pleno Central Park.¹² Sua estreia no cinema – fazendo a mesma personagem que fez na Broadway, no clássico *Funny Girl*, em 1968.¹³ E ela fez tudo isso, como afirma Kaufman: “did so as a recognizably Jewish figure”.¹⁴ Sua aparência, seu sotaque, as personagens, tudo deixava claro quem era Barbra Streisand, qual era sua origem, qual era a sua história, seu lar.

Depois de sua premiada estreia, ela nunca mais parou. Não apenas enquanto atriz, mas também como cantora – em seus shows ou musicais, como *Funny Lady*, no qual ela repete o seu papel inicial, *Fanny Brice* – e alguns poucos trabalhos como produtora, como *A Star is Born*, em 1976, e *The Main Event*, em 1979.¹⁵

Em sua luta para produzir *Yentl*, Streisand foi rejeitada por 4 estúdios – Orion, Warner Brothers, Columbia e Paramount – sendo, eventualmente, “picked up by

⁹ KAUFMAN, 2012, p. 214.

¹⁰ MANN, 2012, p. 41.

¹¹ MANN, 2012, p. 59.

¹² KAUFMAN, 2012, p. 216.

¹³ KAUFMAN, 2012, p. 217

¹⁴ KAUFMAN, 2012, p. 218.

¹⁵ Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm0000659/>. Acesso em: 25 set. 2020.



United Artists, who guaranteed her a \$14.5 million budget, but forced her to give up director's approval of final cut. The film was also to be shot entirely on location in Czechoslovakia".¹⁶ Eventualmente, a filmagem aconteceu na Inglaterra e, de acordo com uma entrevista feita pela revista *New Yorker*, isso foi um fator essencial para que o trabalho dela – como diretora iniciante – fosse respeitado:

It was fantastic that I made "Yentl" in England, because they had a queen, and because they had a woman as Prime Minister. They gave me the utmost respect as a woman, and as a first-time director. I mean, it couldn't have been warmer, more delightful. The people from "Yentl" sent a beautiful thing to newspapers about how quietly I spoke on the set. And I said, "I didn't have to raise my voice, because everybody was finally listening."¹⁷

É interessante perceber que o sentimento de ser ouvida ao estar em um papel de poder é parte do contexto político do local onde o filme foi gravado – um país liderado por mulheres, logo, uma mulher no poder, como diretora, não era algo que fosse questionável. Além disso, um dos fatores visíveis e que deixa *Yentl* ainda mais grandioso é ter a própria diretora como protagonista: aos quarenta anos de idade, ela transforma-se em uma jovem judia – o seu par romântico, feito pelo ator norte-americano Mandy Patinkin, era dez anos mais novo.¹⁸

Yentl recebeu críticas mistas. O *New York Times* considera que a melhor coisa no filme é sua "seriedade" – "It may resemble a vanity production from afar (or at close range, too, for that matter), but even at its kitschiest it seems to be heartfelt".¹⁹ O crítico Roger Ebert deu 3,5 estrelas (num total máximo de 4 estrelas), afirmando que o filme possui um "great middle",²⁰ insinuando que é a melhor performance da carreira de Streisand até aquele momento, além de afirmar que – apesar das especulações – *Yentl* não era um filme "judeu demais" – "Like all great fables, it grows out of a particular time and place, but it takes its strength from universal sorts of feelings".²¹ Isaac Bashevis Singer, o escritor do conto, por sua vez, não gostou do resultado final.

¹⁶ HURD, 2007, p. 147.

¹⁷ Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/the-new-yorker-interview/barbra-streisand-can-hear-herself-again>. Acesso em: 27 set. 2020.

¹⁸ HURD, 2007, p. 147.

¹⁹ Disponível em: <https://www.nytimes.com/1983/11/18/movies/film-yentl-a-drama-with-drama-streisand.html>. Acesso em: 29 set. 2020.

²⁰ Disponível em: <https://www.rogerebert.com/reviews/yentl-1983>. Acesso em: 29 set. 2020.

²¹ Disponível em: <https://www.rogerebert.com/reviews/yentl-1983>. Acesso em: 29 set. 2020.



Em uma entrevista – realizada por ele, com ele mesmo, uma *self interview* – publicada no *New York Times*, deixa sua opinião clara,

Q: Did you like it?

A: I am sorry to say I did not. I did not find artistic merit neither in the adaptation, nor in the directing. I did not think that Miss Streisand was at her best in the part of Yentl. I must say that Miss Tovah Feldshuh, who played Yentl on Broadway, was much better. She understood her part perfectly; she was charming and showed instinctive knowledge of how to portray the scholarly Yentl I described in my story. Miss Streisand lacked guidance. She got much, perhaps too much advice and information from various rabbis, but rabbis cannot replace a director. The Talmudic quotations and allusions did not help.²²

Singer afirma que escreveu um *script* para *Yentl* e o ofereceu para Streisand, que rejeitou. E uma de suas críticas mais pesadas é pelo fato de Yentl – ou melhor, Barbra Streisand – estar sempre presente em cena, logo: “The result is that Miss Streisand is always present, while poor Yentl is absent”.²³

Independente das críticas do autor, *Yentl* ainda foi um filme premiado: ganhou o Oscar de Melhor Trilha Sonora, além do Globo de Ouro de Melhor Filme – Comédia e Musical e Melhor Direção,²⁴ num discurso emocionado no qual Streisand afirma que dirigir *Yentl* foi o “highlight of my life, the highlight of my professional life”.²⁵ E está na lista dos 10 melhores filmes de 1983 de acordo com o *National Board of Review*.²⁶

Streisand só volta a dirigir em 1991 – no drama *The Prince of Tides* e, posteriormente, *The Mirror Has Two Faces*, em 1996, – também é protagonista nos dois filmes – além

²² Disponível em: <https://movies2.nytimes.com/books/97/04/27/reviews/streisand-singer.html>. Acesso em: 29 set. 2020.

²³ Disponível em: <https://movies2.nytimes.com/books/97/04/27/reviews/streisand-singer.html>. Acesso em: 29 set. 2020.

²⁴ O filme também concorreu ao Oscar de Melhor Música – com duas músicas, Oscar de melhor design de produção e melhor atriz coadjuvante (Amy Irving, por Hadass). No Globo de Ouro, concorreu como Melhor Música, Melhor Trilha Sonora, Melhor Atriz (Barbra Streisand), Melhor Ator (Mandy Patinkin). Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt0086619/awards?ref_=tt_awd. Acesso em: 30 set. 2020.

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eJEhrYhteas>. Acesso em: 30 set. 2020.

²⁶ Disponível em: <https://www.imdb.com/event/ev0000464/1983/1/>. Acesso em: 30 set. 2020.



de cinco de seus shows especiais para a TV, segundo seu perfil no *Internet Movie Database*.²⁷

Em 2010, Streisand foi convidada para apresentar o prêmio de Melhor Direção no Oscar. E, ao falar que, pela primeira vez, a premiada poderia ser “a woman” – ela foi aplaudida (visivelmente emocionada)²⁸ e, ao abrir o envelope, ela anuncia: “Well, the time has come [pause] Kathryn Bigelow. Whoahoo!”²⁹ Ainda de acordo com Smukler, a escolha de Streisand, a premiação de Bigelow – e a interação entre as duas, a celebração daquele momento, foi uma representação ainda maior. Temos ali, naquele palco, a única mulher a vencer o Globo de Ouro de Melhor Direção premiando a primeira mulher (e única) a vencer o Oscar de Melhor Direção, carregando consigo

the legacy of American women directors dating back to the 1970s was acknowledged by the success of Kathryn Bigelow’s win, the disappointment in Barbra Streisand’s lack of equivalent recognition, and the way in which the two women recognized each other’s place in history. As if this symbolism was not enough, the two directors exited the stage as the orchestra played Helen Reddy’s 1975 women’s liberation anthem “I Am Woman.” A clichéd but resonate soundtrack, the song served as a link between women directors of the present, their formative years of the 1970s, and the feminist movement of the same era.

Compreender o papel de Streisand, colocando-a como a pessoa que premia a primeira mulher a vencer o prêmio de Direção, é também homenageá-la – tardiamente. Ao ser questionada sobre seu sentimento em relação ao fato de não ter sido nomeada, ela acreditou que “It really showed the sexism. I thought by not being nominated, I put a spotlight on the issue. I thought, ‘Wow. This is so transparent’”.³⁰ Foi uma experiência totalmente diferente da narrada por ela durante as gravações na Inglaterra, onde sentiu-se aceita e respeitada pelo seu trabalho.

Foram necessários vinte e sete anos para que Streisand subisse no palco do Oscar e, de algum modo, se sentisse representada por Kathryn Bigelow. Não só ela, mas muitas mulheres que passaram pela mesma experiência.

Parte 2

²⁷ Disponível em: https://www.imdb.com/name/nm0000659/?ref_=tt_ov_st_sm. Acesso em: 30 set. 2020.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e-DPBOTISWk>. Acesso em: 30 set. 2020.

²⁹ SMUKLER, 2011, p. 6.

³⁰ Disponível em: <https://variety.com/2018/film/news/barbra-streisand-oscars-sexism-in-hollywood-clone-dogs-1202710585/>. Acesso em: 30 set. 2020.



Ao caminhar pelo *shtetl* onde habitava – é assim que *Yentl*, o filme, se inicia – ouvimos o vendedor de livros, gritando no meio dos habitantes, do mercado, oferecendo livros sagrados para homens, novelas para mulheres (ou livros de história, ou livros de gravuras). Ao mesmo tempo, *Yentl* tem de lidar com questionamentos sobre casamento ou qual o melhor peixe para comprar. Nesse momento, ao pegar um livro religioso e mentir, alegando que é para seu pai, fica claro quem é *Yentl* e o que ela procura: uma jovem solteira, que mora com o pai doente – um religioso –, que não sabe cozinhar, mas dedica-se ao estudo, escondido dos vizinhos, mas não de Deus. É interessante como a maneira que a cena é construída – mostrando diversas cenas da pequena cidade – mas sempre voltando para o vendedor de livros, como se sua voz estivesse acima de todos nos ouvidos de *Yentl*, assemelha-se o resto do filme, sendo permeado por músicas cantadas exclusivamente por Streisand, como monólogos feitos por Anshel/*Yentl*, em sua mente, conectando a história e fazendo que seus pensamentos sejam expostos para o espectador: são esses monólogos que nos ajudam a compreender a dualidade de *Yentl*, seus sentimentos por Avigdor, sua constante batalha por um espaço e para encontrar um caminho que seja unicamente seu, que lhe satisfaça a alma. Suas músicas são orações e, em alguns momentos, podem ser ouvidas acima dos diálogos, deixando clara a sensação caótica de que *Yentl* passa ao se esconder enquanto mulher, a ter acesso aos conhecimentos que lhe foram privados durante sua vida e, ao mesmo tempo, sentimentos românticos que ela começa a compreender, além de seu plano final – casar-se com Hadass, abandoná-la, para que ela possa casar-se com Avigdor.

A morte do pai de *Yentl*, ao mesmo tempo que é um evento traumático, também é um momento de libertação: ela mesma lê o *kadish* no enterro, mas também se recusa a viver a mesma vida de antes. Ela corta o cabelo, veste-se com roupas masculinas e parte, em busca daquilo que sempre quis: conhecimento. Ter aquilo que não a pertence. Ao se comunicar com o Deus – e, acima de tudo, com seu pai em “Papa, can you hear me?”, a personagem é preenchida de dúvidas e busca na memória do pai a coragem para seguir em frente com a sua escolha – de tornar-se Anshel – e, ao mesmo tempo, compreensão e perdão: “Papa, please forgive me/Try to understand me/Papa, don't you know I had no choice?”³¹

A interação de *Yentl* com os jovens que também estão indo para o *Yeshiva* é um momento em que ela passa a ser questionada por homens (com exceção de seu pai) – e não apenas pelas mulheres mais velhas do *shtetl*. Sua força – testada em uma queda de braço – quase inexistente, mas destaca-se por sua habilidade de interpretação e conhecimento dos textos sagrados.

³¹ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/barbra-streisand/267721/>. Acesso em: 30 set. 2020.



Ao compararmos Yentl/Anshel com os outros personagens do filme, podemos observá-la enquanto homem e enquanto mulher. Entre Anshel e Avigdor são visualizados como opostos e semelhantes, onde Avigdor é forte, alto, atlético, enquanto Anshel é pequeno e frágil. Ao mesmo tempo, Avigdor é dedicado e inteligente – características que também são parte de Anshel, seu parceiro de estudo. Temos também Hadass, doce, *homely*, com seus belos cabelos ruivos e sua habilidade de se portar bem, servir bem, ter sido criada para ser uma boa esposa – características que Yentl não possui. É interessante perceber, por exemplo, como as características masculinas de Anshel são mais vinculadas ao feminino – as feições claras, a falta de barba, os ombros estreitos (como é dito na cena em que é medido pelos alfaiates na véspera de seu casamento) e as características femininas de Yentl são limitadas – sua incapacidade de cozinhar, seu desejo por conhecimento. Ao mesmo tempo, ela – enquanto Anshel – repara na porcelana, repara em detalhes que, em tese, pertenciam apenas ao mundo das mulheres. De certo modo, essas pequenas atitudes, esses pequenos erros de Yentl, criam momentos de tensão e momentos cômicos – como quando ela precisa dividir a cama com Avigdor em sua primeira noite no *yeshiva* ou quando todos os seus companheiros vão nadar –, como se ela não soubesse como ser mulher e não soubesse ser homem (ou o que se espera de um ou do outro na sociedade). De certo modo, encontramos essa dualidade também em Barbra Streisand – a diva e o patinho feio, como já foi citado. Além de, obviamente, seus múltiplos papéis dentro do filme – compreendendo-a, ao contrário de Yentl, como capaz de manter todas essas facetas, todas essas personas.

Inicialmente, a relação entre Anshel/Yentl é quase de competição – enquanto uma precisava esconder-se em roupas masculinas e seus sentimentos românticos por Avigdor, a outra corresponde ao ideal de esposa perfeita, a mulher de valor. Anshel/Yentl, ao casar-se com Hadass, cria um tipo de relação com ela semelhante a que Yentl possuía com o pai – inclusive, ao fechar as cortinas e trancar as portas, quando ensina Hadass sobre o Talmud, repete a exata frase: “God will understand. I am not so sure about the neighbors”. Podemos perceber nesse momento que Yentl procura, ao mesmo tempo, evitar que Hadass se aproxime e ensiná-la, do mesmo modo que seu pai a ensinou, dando-a liberdade e questionando a sua posição enquanto mulher – do mesmo modo que Yentl questionou a sua.

Mais do que manter um relacionamento de fachada para que ela possa, eventualmente, casar-se com Avigdor e cumprir o plano, Anshel/Yentl busca empoderar Hadass – não apenas para que ela se torne uma boa esposa, mas que ela tenha acesso ao conhecimento que lhe foi proibido durante anos. A relação de cumplicidade entre Hadass e Anshel/Yentl torna-se uma libertação para as duas – e não apenas uma relação entre mestre e aprendiz, como pode soar no início, mas de certa admiração mútua, de diálogo entre experiências – Yentl enquanto mulher que decidiu sair da bolha e do que era esperado para si, como mulher, e Hadass, disposta a aprender – como modo de agradar e, posteriormente, pela sede de conhecimento. De certo modo, pode-se com-



preender a relação das duas com a celebração de Streisand ao entregar o Oscar para Bigelow – naqueles minutos entre a leitura dos candidatos e a vitória da primeira mulher, é como se, de certo modo, existe uma admiração mútua, o legado de uma, o legado de várias.

Por fim, Yentl vai em busca de uma nova vida nos Estados Unidos – um caminho feito por vários judeus europeus, inclusive os avós da própria Streisand³² – abrindo mão de tudo e deixando toda a sua trajetória para trás. Essa decisão é o ápice da narrativa: ao revelar-se para Avigdor, declarando seu amor, Yentl decide abandoná-lo, em busca de outro espaço, onde ela pudesse recomeçar. Talvez como Yentl – como aparece no fim do filme, no barco que a levará para os Estados Unidos, talvez como Anshel. Não sabemos. Ainda assim, ao unir Hadass e Avigdor, deixa uma carta – na qual afirma que Hadass também possui seu próprio desejo de conhecimento.

As mensagens deixadas por Yentl e por Streisand – mensagens de libertação, de coragem – são as linhas que conectam as histórias de personagem e atriz-diretora-produtora-roteirista. Compreender o seu espaço enquanto mulher e perceber não apenas a sua posição individual, mas como representação de várias outras mulheres: assim como Anshel/Yentl ensinando os textos sagrados para Hadass, assim como Streisand entregando o primeiro Oscar de Melhor Direção para Bigelow. Como, ao descobrir a verdadeira identidade de Anshel e questionar o que mais ela queria – mais do que casar-se, mais do que ser a esposa de Avigdor, mais do que ser mãe –, ouvir a resposta monossilábica que representa a sua busca e sua luta: por mais, sempre mais.

Referências

AARON, Michele. *The Queer Jew and Cinema: From Yidl to Yentl and Back and Beyond*. *Jewish Culture and History*, Londres, n. 3/1, p. 23-44, 2012.

EDWARDS, Anne. *Streisand: a biography*. Nova York: Taylor Trade Publishing, 2016.

HURD, Mary G. *Women directors and their films*. Westport: Praeger Publishers, 2007.

KAUFMAN, David E. *Jewhooing the Sixties: American Celebrity and Jewish Identity – Sandy Koufax, Lenny Bruce, Bob Dylan, and Barbra Streisand*. Lebanon NH: Brandeis University Press, 2012.

LAUZEN, Martha M. *Where Are the Film Directors (Who Happen to be Women)?* *Quarterly Review of Film and Video*, n. 29, p. 310–319, 2012.

MANN, William J. *Hello, Gorgeous. Becoming Barbra Streisand*. Nova York: Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, 2012.

³² HURD, 2007, p. 147.



SMUKLER, Maya Montanez. *Liberating Hollywood: Thirty Years of Women Directors*. California: UCLA CSW Update Newsletter, 2011.

Recebido em: 10/07/2020.

Aprovado em: 17/07/2020.